

# LUZ SOCIAL

ILUMINAÇÕES URBANAS VINDAS DA ARTE PÚBLICA

## ARTIGO



**Dr. Mário Caeiro**

LIDA/ESAD, CR/IPL e CECC/UCP

| 1. O público de um festival pode nele participar conscientemente. Firmament, Toruñ. 2009/Crédito: Studio Dekka | 2. Uma obra de arte pode ser a concreção de valores. Cathedral, Toruñ, 2013/ Crédito: Raoul Kurvitz | 3. O planeamento urbano pode integrar a noção de interactividade. Shouwburgplein, Roterdão, 1991/ Crédito: West 8

**«We do not see art as a simple reflection of society. We see art as a tool of making society, of creating the future, of activating people.»**

*David Avalos*

A Luz e sua manipulação técnica – Iluminação – são ignoradas pelo público da cidade. São desprezadas pelos políticos, incapazes de imaginar o seu potencial para gerar valor social. A população desconhece as consequências para a saúde da exposição a certas luminárias no seu lar, os efeitos do design de luz na sua performance emocional ou a importância que um ambiente cromático pode ter para o bem-estar. Cenografia urbana ou urbanismo-luz são noções estranhas ao senso comum e as

próprias ferramentas conceptuais e técnicas da arquitectura, da arte, do urbanismo ou da investigação científica encontram-se subjugadas por agendas industriais que promovem a mais transversal apatia.

Não existe, em suma, uma cidadania da Luz, no seio da qual se debata, com o apoio de quem sabe, e não de quem pode e manda, que ambiente convém criar-se em certo lugar, que ritmos visuais estimular numa determinada rua, que tipologia de luminárias devem integrar determinada imagem do Espaço Público.

Mas há projectos que simbolizam formas de superar este desprezo pela luz. Sugerem os horizontes estratégicos de um campo – a

Luz social – que não procurarei definir, até porque transgride várias economias. Fundamental é a sociedade, como um todo integrado, tomar consciência das tecnologias da iluminação como uma coisa que a todos diz respeito.

Esta é uma questão urbana de fundo que exige uma abordagem radical – postura que a melhor arte e arquitectura sempre tiveram o desígnio de interpretar (no seu âmago ou em derivas inter- e transdisciplinares). Talvez este tipo de projectos – exemplos de uma ciência do social em toda a sua contingência – agite a inércia que medra nas visões banais da Luminotecnia que os poderes políticos hegemónicos (marcas, mercados, disciplinas académicas) assinam por baixo. É preciso que



| 1.

decisores e técnicos compreendam que as pessoas, os users da Luz, sejam os habitantes de um bairro ou as crianças de uma escola, podem ser stakeholders no que respeita à inovação que produz vida social.

### . ILUMINAÇÕES...

Tal implica que as pessoas tenham um acesso mais informado e transparente à forma como os ambientes são criados ou de como os mais diversos estímulos luminosos connosco interagem. Numa palavra, uma Luz social terá a ver com levar as pessoas a saber como funcionam os dispositivos lumínicos no seio do dispositivo-mor que é a cidade. Sendo que o Espaço Público é o barómetro desta batalha.

Ao limite, o que apresento são expressões da Luz social que, pela forma provocatória como dinamizam o tecido urbano, se tornam exemplares, pedagógicas e inspiradoras. Que sirvam para estimular designers e outros criadores a integrar o socius nos seus projectos. De resto, entre nano-intervencionismos e gestos de maior complexidade e integração projectual, o germen social há-de começar a influir em políticas da luz mais honestas e consistentes.

Os projectos que aqui evoco aportam à cidade momentos de integração estética, de transparência cidadã, de festa, de informação e até de graça social. São interfaces interpessoais e até intercomunitários que

tornam a cidade mais participada. Importante é salientar que a Luz é neles um fator decisivo, mas não exclusivo – porque a Luz em si, não existe, ela existe enquanto factor de percepção e de iluminação de materiais, formas, contextos, realidades.

Um bom projecto de iluminação recodifica a matéria sobre a qual incide, mas resta saber se no processo há uma integração genuína e compreensiva das dinâmicas sociais (usos colectivos, significados comuns, vivências e responsabilidades partilhadas, etc.). Aí se define o carácter do diálogo estabelecido com a comunidade, o maior ou menor grau de compromisso. Com maior ou menor capacidade de gerar cidadãos mais proactivos nas

questões da luz.

### ... URBANAS.

Ora na base de toda a Luz social está a integração processual, como acontece nos melhores workshops de iluminação que juntam não apenas profissionais da área da iluminação, mas outros saberes e os próprios cidadãos. Noutra dimensão afim, uma criteriosa iluminação arquitectural e ambiental pode conferir carácter a um tecido urbano; de tal forma que a vida social gerada corresponde a um upgrade da sua identidade: ocorre-me o célebre projecto de Yann Kersalé no porto de Saint Nazaire. O mesmo Kersalé deu à Ópera de Lyon uma identidade nova quando lhe adicionou um projecto de luz informativa, a iluminação da cobertura, que funciona como marco urbano dinâmico. Esta questão da Luz como informação tem alguma tradição na arte e no design; num projecto que comissariei, Leonardo Meigas tornou visível, através de uma escultura de luz, a perigosa Grelha de Hartmann.

Por outro lado, aspecto crucial da Luz social é a questão da participação comunitária. Seja em raros processos de longo termo, seja em fugazes momentos de festa. É o caso de obras de Ron Haselden como Tour de lumière ou Family Garden, que interpretam os princípios da escultura social. Aos habitantes de prédios foram entregues filtros coloridos e cada varanda participou num gigantesco painel luminoso. É uma situação afim à criada noutra projecto que comissariei em Toruñ, Firmament. Durante algumas noites, centenas de pessoas envolveram-se com a mutação cenográfica das muralhas



da sua cidade, segurando elas próprias em projectores portáteis e assim compreendendo o funcionamento dos jogos de cor criados. De resto, o contexto dos Festivais de Luz propicia experimentos de performatividade social; onde se pode não apenas celebrar a última tecnologia mas também convocar o humano.

Nos antípodas deste espectáculo da própria participação está o minimalismo sinalético de uma peça como Coming Soon, de Andrea Acosta. Na obra, a luz, fruto de um olhar crítico sobre os mecanismos da publicidade urbana, dá a ver... o vazio. A artista limitou-se a renovar o equipamento de um sistema publicitário e pintar de branco a empena sobre a qual incidia. Nesta espécie de aforismo urbano, somos recordados de como funcionam

os mecanismos mais essenciais da iluminação. Como no trabalho activista de Studio He-He, que aponta lasers verdes a nuvens de poluição, assim as assinalando para todos verem. Nestes termos, The Switch de Jakob Jakobsen propõe um inusitado aprofundamento da ideia de cidadania criativa. O seu potencial dialógico-colaborativo é extremo. O artista desconectou uma feira de quarenta casas da iluminação pública e instalou um interruptor manual. Isto significou que ao cair da noite alguém tinha de ligar manualmente a iluminação de rua e alguém tinha de a desligar de manhã. Podemos encarar esta intervenção como um treino de cidadania luminotécnica?

Mas não creio que haja verdadeiramente cidadania, eficaz e duradoira, sem que surjam





na cidade interfaces espaciais permanentes com carácter interactivo. É o caso da praça Shouwburgplein em Roterdão, uma praça-luz concebida por West 8. Nela há um encontro imponderável com a cidade vivida, as pessoas nas suas múltiplas actividades. No fundo, a luz, em vez de se tornar um fetiche – o habitual é iluminar-se uma praça para ficar mais bonita – torna-se valor diretamente gerível pelos users. Não passou do papel, mas é legítimo evocar aqui um projecto (não realizado) para o Rossio. A concretizar-se, Lisboa poderia ganhar uma praça que pulsasse com o espírito da cidade: ora serena, ora triste, ora em festa, de acordo com o estado de ânimo dos cidadãos, que enviariam os respectivos sentimentos por via digital.

Uma praça sensível e não

apenas... *smart*.

Uma razão para este tipo de obras não se realizar tem a ver com a complexidade da sua montagem financeira, mas sobretudo a falta de back-up político e institucional. Por isso, muitos activistas da luz social viram-se para projectos de pequena escala. Sheila Kennedy, com o seu Portable Light é um bom exemplo de um intervencionsimo nómada, em que valores ecológicos vão de encontro ao problema da educação em meio rural. De regresso à cidade, o labor lúdico-activista dos Transnational Lighting Detectives é extraordinário pela sua análise continuada de incontáveis sensescapes urbanas.

Termino com uma obra de arte que reúne muitas questões aqui faladas: Cathedral, de Raoul Kurvitz. Nela, a simbologia religiosa

é actualizada enquanto experiência laica do sagrado. Como?

Entre ironia e teatralidade. A estrutura em madeira e vidro (centenas de janelas de casas antigas), com a forma icónica de um templo cristão, é habitada por um actor que interpela as pessoas silenciosamente, convidando-as a acender uma vela. O resultado é um ambiente-luz extremamente agradável, conseguido por meio de nuances de luz quente (velas e projectores pontuais) e está ali muito do fundamental na Luz social: um espaço acessível e habitável, uma forma cultural reconhecível mas não estagnada, um ambiente sedutor e memorável e last but not the least um momento urbano com significado em que o próprio público faz a diferença – ao mesmo tempo que é iluminado pela sua animada interacção. ■